

Espaço Aberto: Um projeto socioeducativo de intervenção num contexto desportivo

Daniela Helena Alves Freitas¹, Sara Filipa Silveira Pinheiro², Sofia Marques da Silva³

Resumo — O projeto concebido no âmbito do estágio dirigiu-se às crianças e jovens, entre os 4 e os 14 anos, que frequentavam a Escola de Futebol *Dragon Force* e que desejassem usufruir de um espaço de lazer. Pretendia-se, no âmbito mais alargado de uma educação para a cidadania, o estabelecimento de uma relação entre as suas vivências enquanto sujeitos, a Escola e o Mundo do Futebol. Este projeto tomou a forma física e simbólica na criação do *Espaço Aberto*. A designação *Espaço Aberto* identifica, deste modo, o projeto criado, coordenado, gerido e executado, e procura traduzir a versatilidade e flexibilidade que se idealizou para o projeto, numa lógica de educação não-formal, mas que efetuou desde sempre uma interligação com o mundo dos saberes escolares. Em simultâneo, e no âmbito do trabalho desenvolvido no *Espaço Aberto*, a experiência de estágio evoluiu para uma nova experiência no âmbito do denominado Projeto Bolsa de Mérito *Dragon Force*, onde se realizou um trabalho de mediação socioeducativa. Apesar de todo o estágio ter presente a mediação socioeducativa, neste projeto em particular a mediação evidenciou-se pelas características do próprio projeto. Este dirigiu-se aos jovens que constituíam as equipas de competição, sendo necessária a existência da mediação entre a Escola, os Jovens, as Famílias e o Clube, tendo como finalidade essencial o sucesso educativo.

¹ Daniela Helena Alves Freitas é licenciada (2008) e mestre (2010) em Ciências da Educação, pela Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação da Universidade do Porto. É Mediadora Sócio-Educativa e da Formação, na Escola de Futebol Dragon Force – Futebol Clube do Porto, exercendo como funções a coordenação, gestão e execução de um projeto sócio-educativo e de intervenção, na vertente da educação e lazer; orientação, coordenação e execução de ações educativas; promoção de atividades de interface entre a instituição e a comunidade em projetos de formação, animação e educação; criação, colaboração e execução de ações de formação/sensibilização em diferentes áreas/ temáticas; planeamento de ações educativas para outros eventos; colaboração e orientação noutros projetos em desenvolvimento. dani_ela_10@hotmail.com

² Sara Filipa Silveira Pinheiro é licenciada (2008) e mestre (2010) em Ciências da Educação, pela Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação da Universidade do Porto. É Mediadora Sócio-Educativa e da Formação, na Santa Casa da Misericórdia de Vera Cruz de Gondomar, exercendo como funções a coordenação, gestão e execução de projetos educacionais e sociais, na vertente de educação para a saúde; apoio a projetos em desenvolvimento; ocupação/ orientação de tempos livres de crianças e jovens; promoção de atividades de interface entre as instituições e a comunidade em projetos de investigação, formação, animação e educação para a saúde, educação ambiental, educação de adultos; criação, colaboração e execução de ações de formação/ sensibilização em diferentes áreas/ temáticas; promoção de redes de comunicação/ parceria entre vários intervenientes profissionais e institucionais; mediação sócio-educativa. Entre 2009 e 2010 foi bolsista no âmbito do projeto “Argumentar Precisa-se!”, em curso pelo Laboratório de Ensino e Aprendizagem e o Centro de Investigação e Intervenção Educativas. sara_pinheiro1987@hotmail.com

³ Sofia Marques da Silva é professora associada na Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação da Universidade do Porto e membro integrado do CIIE. sofiamsilva@fpce.up.pt

Palavras-chave – Educação Formal/ Não-Formal, Espaço Aberto, Espaço Educativo Integrado, Mediação Socioeducativa

INTRODUÇÃO

Ao longo deste artigo justificar-se-á a pertinência e a articulação da educação com o contexto desportivo em questão. Este artigo resulta do estágio, desenvolvido no âmbito do Mestrado em Ciências da Educação e realizado na Escola de Futebol *Dragon Force* que pertence à instituição Futebol Clube do Porto, tendo começado em setembro de 2009 e terminou em maio de 2010.⁴

No âmbito do estágio foram solicitadas duas estagiárias do Mestrado em Ciências da Educação, tendo sido opção da orientadora (Professora Sofia Marques da Silva) ter escolhido estagiárias de domínios distintos, para uma maior complementaridade da intervenção e reflexão. Assim, se a área mais direcionada para a escola, para os seus conteúdos e para a mediação seria assegurada pelo domínio de Currículo, Escola e Gestão Educacional. O domínio de Educação e Lazer asseguraria a ligação à educação não-formal, ao lazer e às atividades de caráter extraescolar, não se esquecendo contudo a existência de uma interligação entre os domínios, que permitiu um trabalho articulado, uma vez que o estágio se desenvolveu num contexto educativo não-formal e estes geralmente, não se regem por planos de estudo, mas por projetos.

A intervenção consistiu na construção/criação, execução e orientação de um projeto educativo, o qual se apelidou de Projeto Educativo *Espaço Aberto*. Este espaço é fisicamente uma sala “multiusos” que durante uma parte do dia seria usado para a finalidade, segundo os interesses do clube de “sala de estudo”. Contudo, como se ambicionou que aquele espaço representasse mais do que um espaço de acompanhamento escolar, optou-se pelo nome *Espaço Aberto*, que permitiu a conceção de objetivos educativos a atingir, junto das crianças e jovens. Esses objetivos seriam atingidos de um modo lúdico, com atividades e com a criatividade de quem o frequentava.

Posteriormente surge um outro projeto para o qual fomos solicitadas, e que integrou o projeto de estágio, que consistiu em mediar a relação entre a escola, as crianças e jovens e a *Dragon Force*: o Projeto Bolsa de Mérito *Dragon Force*, dirigido para as crianças e jovens que mais se destacam pelas suas qualidades futebolísticas e comportamentais. Apesar destas crianças e jovens terem sucesso na área do futebol, com este projeto pretendeu-se que a área educativa da vertente escolar não fosse esquecida, como muitas vezes acontece quando os jovens se envolvem no contexto do futebol.

Tendo em conta os contextos a que nos referimos e as suas dinâmicas, enquanto mediadoras socioeducativas pôde “desempenhar-se um papel fundamental na motivação

⁴ Importa referir que a orientação científico-pedagógica local foi prestada pelo Departamento Pedagógico (Dr. Ângelo Santos – Diretor Pedagógico e Dr.ª Joana Pinto – Mediadora Sócio-Educativa e da Formação), sendo que este departamento se localiza na Casa do Dragão, tendo funções que são transversais ao local onde se situa.

para a aprendizagem e no estabelecimento de laços e pontes culturais entre a escola, as famílias” e o clube [1: 109]. Este projeto desenvolveu-se efetuando-se um contacto com as escolas, para que deste modo se pudesse acompanhar as crianças e jovens no seu percurso escolar, compreendendo quais as necessidades de cada um, assim como, os aspetos mais positivos ou negativos do percurso escolar, pois “a mediação não pode ser considerada um produto, pois esta noção não tem lugar na dialética; ela aceita apenas a ideia de processo (...), na perspetiva da superação” [2: 102]. Isto é, todo o acompanhamento prestado às crianças e jovens pretendia dar-lhes autonomia para conseguirem, com a família, superar os seus problemas ou dificuldades.

De facto, é de salientar que as questões educativas estão presentes em inúmeros contextos sociais, sejam elas sob a forma de educação formal, não-formal e informal. A *Dragon Force* não é exceção, já que é um contexto em que as crianças e os/as jovens desenvolvem um conjunto de atividades importantes para a sua formação, não só a nível desportivo, mas também a nível pessoal. As preocupações educativas têm vindo a ser crescentes neste clube desportivo, o que justifica também o pedido de colaboração efetuado pelo Clube.

PROJETOS SÓCIO-EDUCATIVOS E DE INTERVENÇÃO

No decorrer do estágio a intervenção centrou-se essencialmente em dois projetos socioeducativos. Inicialmente, a ação no âmbito da Mediação Socioeducativa e da Formação incidiu na conceção e operacionalização de um projeto educativo denominado Projeto Educativo *Espaço Aberto*. Posteriormente, em articulação com o anterior surgiu a oportunidade de desenvolver competências de mediação no âmbito do Projeto Bolsa de Mérito *Dragon Force*. Ao longo deste ponto procura-se apresentar os dois projetos, bem como o trabalho de intervenção realizado nos mesmos.

Um projeto educativo, que é o que nos ocupa, é um meio através do qual se realizam todos os atos no âmbito pedagógico, ou seja, é uma forma de anteceder em jeito expressivo o que é pretendido desenvolver na prática. Como tal, “o projeto não é uma aquisição, mas um caminho a descobrir e a construir. Para ser educativo tem que se desenvolver segundo um sentido, uma orientação” [3: 34]. O projeto educativo visa tomar consciência dos valores e dos princípios que uma determinada resposta socioeducativa quer privilegiar, esta resposta é construída de forma participada e refletida entre as pessoas de uma determinada comunidade educativa, tendo por base regras comuns que incidem sobre aspetos financeiros, estruturais, organizacionais e pedagógicos [3]. Este género de projeto “é um contrato que compromete e vincula todos os membros da comunidade educativa numa finalidade comum sendo o resultado de um consenso a que se chega depois de uma análise de dados, de necessidades e de expectativas” [4: 20-21].

Para um projeto educativo ter êxito num determinado contexto, tendo por base a sua evolução, deve ajustar-se a esse contexto e às interações com as pessoas que o integram, ou

seja, deve procurar “mobilizar todos os elementos da comunidade educativa” [5: 42]. É importante que todos participem na construção e na realização de um projeto educativo de modo a que este responda às necessidades dos/as intervenientes. Assim, o projeto tornou-se portador de inovações positivas, que estavam lado a lado com a realidade sobre a qual se desenvolveu e respondeu ao que cada sujeito aspirava dele, tendo em vista uma melhoria quer a nível organizacional, quer no âmbito do sucesso educativo, mas sempre com as portas abertas a todos os agentes da sociedade.

De um modo geral, é importante referir que um projeto educativo embora se destine a pessoas na sua definição global, contém particularidades inerentes a cada um/a, no entanto, é essencial ter em consideração as especificidades destes/as. Assim, num projeto deste âmbito, quando pensamos e organizamos atividades educativas é importante ter em atenção as idades, as características e os ritmos de cada um/a, dando assim oportunidade a que cada pessoa vá até onde pode ir, sem se sentir excluído/a, visto que, “cada [pessoa] é a diferença permanente nesta forma de aprender” [3: 53]. Desta forma, presenteia-se um equilíbrio nas oportunidades de aprendizagem, incentivando todas as pessoas a participar nas atividades desenvolvidas, de acordo com o seu potencial e as suas características. Com este equilíbrio é esperado que diminua a pressão entre os sujeitos para concluírem as tarefas ao mesmo tempo. Como tal, na gestão de um projeto é importante que tanto as atividades educativas e outros processos como os resultados obtidos sejam alvo de reflexão.

Projeto Educativo *Espaço Aberto*

Na construção do Projeto Educativo *Espaço Aberto* existia a intenção de criar dentro da Escola de Futebol *Dragon Force* um espaço inovador, convidativo e criativo para as crianças e jovens, onde pudessem expor as suas ideias, dar sugestões, desenvolver um conjunto de atividades de cariz educativo. Ambicionava-se que fosse um espaço de triangulação, entre a escola de futebol, as crianças, os/as jovens e a educação. Ou seja, um espaço onde as crianças e jovens pudessem usufruir, em diversos momentos, de modo produtivo, não apenas para a sua formação enquanto jogadores/as, mas também para a sua formação enquanto cidadãos.

Como tal, na construção deste projeto foram delineados um conjunto de objetivos, nomeadamente: i) criar um espaço de conforto, de lazer, criativo, e de divertimento para as crianças e jovens; ii) desenvolver estratégias educativas de sensibilização para a cidadania; iii) identificar o significado que as crianças e jovens atribuem ao futebol, à DF e ainda à Escola; iv) desenvolver o espírito crítico/reflexivo relativamente a aspetos pessoais, às próprias vivências e experiências, tal como, às práticas (costumes e modos de agir); v) construir uma relação entre a Escola e o *Espaço Aberto*; vi) promover uma relação positiva com o mundo da Escola e outros saberes; vii) estimular uma cultura de projeto individual em que o mundo do futebol é apenas um entre vários mundos; viii) desenvolver e fomentar o interesse por diversas áreas que vão para além do futebol, como o ambiente, a informática, os afetos, amizade, partilha, etc.

Para além dos objetivos mencionados tivemos em consideração as ambições e expectativas das famílias em relação ao espaço, propriamente dito, o acompanhamento na realização dos trabalhos de casa e o apoio no estudo. Assim, o acompanhamento e a continuidade do trabalho escolar tornaram-se, indiretamente, um objetivo secundário deste projeto. Todavia, não se pretendia que este contexto fosse um espaço de “prolongamento do trabalho escolar”, pois poderia não se tornar tão atrativo como o esperado, no entanto, também não era pretendido que se esquecesse a importância da escola. Como tal, foram realizadas atividades educativas relacionadas com os saberes escolares.

Visto existir uma grande diversidade de crianças e jovens, não só pela sua idade, mas também pelo género, local de residência e escolaridade, pensou-se que a troca de experiências e vivências entre os/as jovens fosse importante, e conseqüentemente, um modo de enriquecimento cultural e social no processo educativo de cada um/a. Deste modo, ambicionava-se que o local fosse um espaço promotor de cultura e cidadania, onde as práticas educativas fossem orientadas e alimentadas tendo em vista o desenvolvimento pessoal, social e cultural das crianças e dos/as jovens.

Ação desenvolvida: atividades educativas

No Projeto Educativo *Espaço Aberto* foram planeadas um conjunto de atividades educativas que abrangem uma área muito diversificada. Estas foram pensadas atendendo às idades das crianças e jovens. Com estas atividades esperava-se que sujeitos fossem participantes no processo, que comunicassem entre si, onde apresentassem ideias, trocassem experiências e saberes, no fundo que tivessem voz ativa. Considerava-se que se poderia contribuir para criar um espaço com um grande potencial educativo, onde o importante “é ensinar e aprender sobretudo não conhecimentos mas a *conhecer*, não objetos de aprendizagem mas a aprender, não reflexões mas a *refletir*, não pensamentos mas a pensar, não resoluções mas a resolver, não investigações mas a *investigar*, não o ser mas a *ser*” [6: 64].

Considera-se, então, que o EA se tornou um contexto educativo, marcado fundamentalmente pela educação não-formal e (de forma indireta) pela educação formal. O facto de o espaço ser um local característico de educação não-formal com uma ligação às questões escolares, associa-se à preocupação e às intenções do clube em contribuir para que as crianças e jovens não se desliguem da escola. Assim, este contexto, de educação não-formal, acaba por ter uma ligação à escola, tendo esta instância uma força e uma presença forte no local. Ora, a razão das questões escolares estarem neste contexto deve-se à preocupação do clube face ao sucesso escolar dos/as atletas e ainda, ao desejo das famílias, para que os/as jovens dessem continuação ao trabalho escolar no local.

Deste modo, a educação formal está associada aos momentos em que se ajuda e acompanhava na realização dos trabalhos de casa, pois o essencial é o aprender. Em certos instantes ocorria uma assimetria “professor-aluno”, tal como um protótipo da educação escolar, que se tornou evidente através da denominação atribuída às mediadoras, eram

reconhecidas como professoras, por algumas crianças, jovens e familiares [7]. Por outro lado, a educação não formal decorria sempre que se realizavam atividades educativas ou outros afazeres e, também, através das conversas e dos debates em grupo, ou seja, quando se estava a comunicar, a interagir, a trocar ideias e opiniões e a vivenciar estas situações e experiências. Nestes momentos havia a preocupação de construir situações educativas singulares e pretendia-se oferecer às crianças e aos/as jovens, que frequentavam o espaço, experiências pessoais e sociais relevantes, bem como vivências significativas [7].

É de salientar, que o *Espaço Aberto* ao ser referido nas suas dimensões educativas não-formais é essencialmente articulado à promoção para o lazer, visto que se desejou criar um espaço onde as os/as jovens pudessem usufruir do seu tempo de lazer ou tempo livre.

Ora, seguindo os objetivos do projeto, as intenções com a sua implementação, as ambições da EFDF e as sugestões dos/as jovens e das famílias foram programadas um conjunto de ações educativas. Estas ações possibilitavam que os/as intervenientes reconhecessem outros mundos que vão para além da prática do futebol, ou seja, trabalhamos para que estes/as olhassem o mundo segundo diversas perspetivas, tomando consciência que fazem parte deste, como cidadãos. As ações educativas programadas e, posteriormente, desenvolvidas continham temáticas que se organizavam em torno de: i) *Espaço Aberto: criar identidade, criar identificação*, pensada para divulgar o espaço, tendo ao mesmo tempo uma perceção das ambições das crianças, dos/as jovens e das famílias para aquele local; ii) *Espreitar a Escola através da Dragon Force*, pretendia-se fazer uma ligação com a Escola e a EFDF, para perceber as expectativas que os/as atletas tinham em relação a estes dois mundos; iii) *O Mundo Esperado: "O Mundo do Futebol"*, onde eram exploradas as expectativas que as crianças e os/as jovens tinham em relação ao mundo do futebol, percebendo quais as suas ambições e sonhos nesta área; iv) *A Família no Natal: a cooperação e partilha*, neste procuramos envolver as famílias no quotidiano do *Espaço Aberto*, para que em conjunto trabalhássemos no projeto individual dos rapazes e das raparigas, sendo este processo realizado através de um trabalho de mediação sócio-educativa; v) *Resolução de Conflitos: o modo de solucionar os problemas*, aqui pretendíamos cultivar formas de resolver os conflitos, através de conceitos como cooperação, amizade, partilha e negociação, para que em situações futuras de conflito as crianças e jovens não adotassem atitudes violentas; vi) *Sexualidade: o respeito, os afetos e o amor pelo/a outro/a*, com o intuito de abordar a temática da "violência do namoro", visto que, é cada vez mais frequente na sociedade ocorrer a violência (física, psicológica, etc.) entre casais jovens; vii) *Educação Ambiental: o sensibilizar para o Mundo que nos rodeia*, onde era ambicionado que as crianças e jovens adquirissem conhecimentos sobre a importância de proteger o meio ambiente, o meio que as rodeia, sensibilizando as famílias ou outras pessoas para este facto; viii) *Saberes Escolares: aprender de uma forma divertida*, com o objetivo de estimular as crianças e os/as jovens através de atividades lúdico-educativas, desenvolvidas de forma criativa e didática, a utilizarem os saberes adquiridos na escola, fomentando o interesse por estes saberes; ix) *O Mundo Virtual: importância da Informática*, no sentido de haver um reconhecimento acerca da importância da informática na sociedade, na escola e na vida das crianças e dos/as jovens; e, por fim, x)

Projetar-se no Futuro: cultura de projeto, com a finalidade de perceber as ambições e expectativas dos rapazes e das raparigas em relação ao futuro, estimulando a cultura de projeto individual, para que reconheçam a importância de outros mundos e de outras temáticas (por exemplo, a escola, o respeito, a partilha, cooperação, etc.) e não só o mundo e o sonho do futebol.

A escolha destas ações educativas, bem como, a forma como estas foram organizadas (a sequência apresentada em cima) foi realizado de forma intencional, não são ações realizadas ao acaso sem significado. Inicialmente trabalhamos junto das crianças e dos/as jovens de modo a construir um espaço com o qual se identificassem, de seguida, através de diferentes ações e estratégias tentou-se perceber junto deles/as as expectativas e ambições relativamente ao futebol e à escola, com o intuito de estimular o projeto individual de cada um/a. Para esta construção do projeto individual dos rapazes e das raparigas, bem como para o seu desenvolvimento pessoal, social e cultural foram realizadas diversas ações temáticas que iam para além do mundo do futebol, mantendo uma articulação com os saberes escolares. Assim, no final do trabalho, e na última ação, pretendia-se perceber se as crianças e os/as jovens reconheciam outros mundos e outras práticas que se distanciavam do desporto em que estão envolvidos/as.

É importante referir que durante todo o processo se trabalhou na educação para a cidadania, fazendo com que os/as atletas refletissem sobre algumas questões, como por exemplo, o respeito pelo/a Outro/a, a partilha, a cooperação, etc. Deste modo, procurou-se contribuir para o enriquecimento pessoal, social e cultural dos/as jovens.

A nossa intervenção também incidiu em outros dois parâmetros. Por um lado, desenvolveu-se um conjunto de ações temáticas, correspondentes ao *Dia Mundial da Alimentação*, ao *Dia Mundial dos Direitos da Criança*, ao *Dia do Pai* e à *Taça das Nações: educação inter/multicultural*. Por outro lado, concebeu-se os planos de atividades educativas dos campos de férias da EFDF. Em ambas as situações as ações foram planeadas e realizadas segundo os objetivos, finalidades e intencionalidades educativas das ações apresentadas anteriormente.

Acompanhamento aos trabalhos escolares

A par da realização das atividades desenvolvidas no *Espaço Aberto* é essencial fazer referência ao acompanhamento prestado aos *trabalhos de casa* e ao *apoio ao estudo* no espaço.

Na atualidade, o tempo de vida das crianças e jovens é maioritariamente preenchido com um tempo escolar e com o tempo passado noutras instituições educativas, ou seja, os seus tempos são ocupados com tarefas escolares ou outros afazeres, não resultando tempo para brincar e para usufruírem da sua infância e juventude. Estas questões refletiram-se no EA, uma vez que, as crianças e jovens ao chegarem ao espaço traziam trabalhos de casa para realizar antes da hora do treino. Todavia, como aquele espaço não tinha como principal objetivo o prolongamento dos trabalhos escolares, mas, que por sua vez, fosse um espaço de

lazer e criativo, as crianças e os/as jovens eram motivadas a interagir uns/umas com os/as outros/as e a participar nas atividades educativas que eram realizadas diariamente. Deste modo, verificou-se que ao motivar as crianças e jovens a participar nas atividades eles/as aderiam e cooperavam ativamente nas mesmas, deixando as tarefas escolares para segundo plano.

Todavia, em algumas ocasiões as crianças e jovens começavam por realizar os trabalhos de casa.

Nestas ocasiões, optou-se por utilizar uma estratégia de interajuda mútua entre aqueles/as que estavam a frequentar o espaço, ou seja, o objetivo é que os/as jovens quando tivessem dúvidas sob o modo como deviam realizar os trabalhos trocassem ideias e opiniões uns/umas com os/as outros/as para solucionar o problema. Esta estratégia foi pensada na lógica de possibilitar a comunicação, a interação, a troca de conhecimentos entre as crianças e os/as jovens, contribuindo assim para a sua formação.

Frequência e assiduidade ao local

A frequência ao espaço por parte destas crianças e jovens foi uma mais-valia para o trabalho, pois permitiu que o projeto fosse desenvolvido. O *Espaço Aberto* foi frequentado por um grupo muito diversificado e heterogéneo, mais propriamente, por crianças e jovens das equipas da Escola de Futebol *Dragon Force*, jovens externos (primos, irmãos, etc.) e as famílias.

A assiduidade ao espaço por este grupo heterogéneo fez com que se reconhecesse as especificidades e particularidades de cada um/a, uma vez que, o projeto educativo não visava incidir, exclusivamente, do mesmo modo sobre todos/as os/as intervenientes. O projeto orientava-se por uma lógica de heterogeneidade, pois só assim seria possível construir um espaço criativo e atrativo que correspondesse às expectativas dos/as intervenientes, sendo também um local educativo e promotor de cultura. Deste modo, as atividades educativas eram adaptadas às crianças e aos/as jovens, quer em relação à idade, quer em relação aos seus gostos e expectativas.

Através das estratégias educativas utilizadas pretendia-se que as crianças e os/as jovens se sentissem bem, empenhados/as e com vontade de participar livremente nas mesmas, sentindo de certa forma uma responsabilização face ao sucesso das atividades que estavam envolvidos/as. Assim, os rapazes e raparigas sentiam-se envolvidos/as nas ações do projeto, o facto de se sentirem implicados/as e ao mesmo tempo motivados em participar nas diversas atividades fez com que adquirissem um conjunto de conhecimentos e competências, desenvolvendo-se a nível pessoal, social e cultural.

Projeto Bolsa de Mérito: uma estratégia de mediação sócio-pedagógica

A mediação sócio-educativa e da formação esteve presente em todo o projeto de estágio, contudo neste projeto em concreto, verificou-se a existência de um processo de mediação mais específico e particularizado, de acordo com as necessidades dos sujeitos envolvidos no mesmo, pois “a mediação parece exigir a manifestação explícita da vontade das partes que serão objeto da intervenção. Na mediação, serão as partes que convocam o ‘interventor’” [8: 39].

Tendo a mediação inerente a si própria esta característica, pode compreender-se que fomos convidadas a integrar este projeto, uma vez que, somos profissionais de mediação, e esta constitui a “condição [da] afirmação social de uma área do saber” [8: 40], ou seja, para o exercício da mediação sócio-educativa era necessário ter conhecimentos específicos, de modo a poder integrar-se este projeto, iniciando a construção e orientação do mesmo.

Para que se possa compreender a necessidade interventiva da mediação sócio-pedagógica neste contexto e uma vez que, este projeto foi alvo da nossa intervenção, importa refletir sobre o que contextualiza o projeto Bolsa de Mérito *Dragon Force*. Este é um projeto que atribui aos/às jogadores/as com elevado potencial futebolístico, e que apresentem uma dedicação e comportamento exemplares a possibilidade de jogarem com isenção do pagamento das mensalidades e participação nos campeonatos distritais. Através da linguagem de género percebe-se que este projeto contempla a possibilidade das raparigas também usufruírem do mesmo, estando desta forma presente, uma ideologia que assenta na igualdade de participação desportiva entre o género masculino e feminino [9]. No entanto, constatou-se que este projeto inevitavelmente por questões sociais se dirige em primeira instância para jovens do sexo masculino, pois a nossa sociedade ainda remete a prática desportiva de competição, essencialmente o futebol, para os rapazes. “As discriminações diferem [então] consoante o contexto social e histórico, apresentando-se, atualmente, mascaradas numa sociedade que apregoa mais do que pratica, que legisla mas não age, assumindo as mais diversas formas resguardadas por um ilusório direito de todas as mulheres à igualdade” [10: 359]. Compreende-se assim que no caso da prática de futebol, embora esta modalidade possa ser praticada pelo sexo feminino, a realidade indica-nos que se destina essencialmente ao sexo masculino.

No que respeita à envolvência no desempenho escolar para o projeto Bolsa de Mérito *Dragon Force*, apesar de este não ser tido em consideração quando o/a jogador/a é escolhido para pertencer à Bolsa de Mérito *Dragon Force*, é fundamental para poder continuar a usufruir da mesma que o seu desempenho escolar seja exemplar, à semelhança da sua postura, enquanto jogador/a, uma vez que, se acredita que as suas atividades não são só conciliáveis, mas de benefício mútuo (Documento Bolsa de Mérito *Dragon Force*). Ou seja, se os jovens que pertencem à Bolsa de Mérito *Dragon Force* não apresentarem resultados escolares satisfatórios, que consistem em manter e/ou melhorar a prestação escolar serão castigados, não sendo convocados para jogos ou torneios e em última instância, afastados da equipa a que pertencem até apresentarem melhorias significativas.

Aspetos particulares da Mediação Sócio-Pedagógica

Esta mediação consistiu essencialmente no estabelecimento da comunicação entre as diferentes partes envolvidas, pois “na notoriedade da mediação não está ausente a tendência para reduzir [... os] défices de comunicação entre os indivíduos (...)” [11: 20]. Deste modo, compreende-se que se pretendia facilitar a comunicação entre os jovens, a escola e as famílias, interpretando o desempenho de cada uma das partes.

Para além disso, a mediação exercida neste projeto visava funcionar como “um meio de ajuda, proporcionando a cada indivíduo a possibilidade deste se responsabilizar cada vez mais por si, ajudando-o também a descobrir as suas capacidades individuais” [12: 23]. Pretende-se com isto referir que este processo de mediação não pressuponha a resolução de conflitos, mas sim uma ação em que, enquanto mediadora, ajudaria a que os jovens se tornassem mais autónomos e conscientes da importância da sua prestação na escola, servindo ao mesmo tempo de intermediária [12], de modo a acompanhar as situações educativas das crianças e jovens que eram abrangidas pelo Projeto Bolsa de Mérito.

Desenvolvimento do processo de Mediação Sócio-Pedagógica entre Jovens, Escola e Famílias

Uma vez desencadeada a pertinência deste projeto, importa salientar que o mesmo assentou num processo de mediação sócio-pedagógica, onde se manteve uma triangulação entre a *Dragon Force*, a escola e as crianças e jovens, sendo que o mesmo atravessou diferentes fases, que o constituíram.

Em primeiro lugar foi estabelecido um contacto formal com as escolas, através do envio de uma carta; aquando da receção da carta os/as diretores/as de turma deviam entrar em contacto connosco, por telefone ou e-mail, para a partir desse contacto se marcarem as reuniões; posteriormente, efetuaram-se as reuniões nas escolas, com os respetivos diretores/as de turma, de modo a conseguir perceber-se se os jovens eram assíduos, pontuais, participativos, qual o comportamento que os caracterizava durante as aulas e fora delas, incluindo o relacionamento que estabeleciam com os/as colegas, professores/as e funcionários/as, se realizavam os TPC, se levavam os materiais necessários para as aulas e quais os resultados escolares que apresentavam; na fase seguinte elaboraram-se relatórios com os assuntos tratados nas reuniões e divulgaram-se os resultados, interna e externamente (por externamente entende-se os/as Encarregados/as de Educação). Nas situações em que o sucesso escolar se verificou foi efetuada uma reunião com os/as Encarregados/as de Educação, após os resultados terem sido divulgados ao Departamento Pedagógico, ao coordenador técnico da *Dragon Force* e aos treinadores das respetivas equipas de competição, para se transmitir o que se tinha compreendido da reunião efetuada com os/as diretores/as de turma, salientando os aspetos positivos e o que ainda poderia ser melhorado na prestação escolar. Quando as situações escolares dos jovens apresentavam uma maior

preocupação, pelo facto de existir um insucesso evidente e até de certa forma contínuo no tempo, eram pensadas propostas que pudessem ajudar na melhoria efetiva do sucesso escolar, sendo que estas propostas eram apresentadas em primeira instância ao Departamento Pedagógico, ao coordenador técnico da *Dragon Force* e aos treinadores, para posteriormente se efetuar uma reunião com os Pais, com o objetivo de se apresentarem as propostas pensadas, articulando com as necessidades e com os ideais dos/as Encarregados/as de Educação, uma vez que se defende que “a família [deve ser o] espaço educativo por excelência, [sendo também...] considerada o núcleo central do desenvolvimento moral, cognitivo e afetivo, no qual se “criam” e “educam” as crianças, ao proporcionar os contextos educativos indispensáveis para cimentar a tarefa de construção de uma experiência própria” [13: 37], desta forma e por se acreditar neste ideal pretendia-se envolver as famílias em todo o processo, de modo a que em conjunto pudéssemos trabalhar para o sucesso escolar e desportivo dos jovens.

Este projeto concebia também, após a primeira reunião com a escola, que se mantivesse um contacto de dois em dois meses (sensivelmente) com os/as diretores/as de turma, estabelecendo uma aproximação regular e de continuidade com as crianças e jovens.

Como “[...] não podemos pensar nas escolas apenas como locais que procuram maximizar o aproveitamento dos alunos individualmente. Em vez desta perspetiva mais psicológica e individualista, temos que interpretar a escola [como...] social [e] cultural” [14: 16-17]. Deste modo, entende-se que a escola, devido ao meio social e cultural em que se insere e devido às suas lógicas de funcionamento nem sempre consegue que os/as seus/suas alunos/as atinjam o sucesso desejável, pois para que esse patamar deixe de ser utópico, passando a ser real é necessário que a escola consiga e tenha meios para “analisar a envolvente social com vista à compreensão profunda da relação escola/sociedade, o que permitirá detetar problemas que só aparentemente são exteriores à escola, e levará à compreensão do que está por detrás de cada um [/a] dos [/as] nossos [/as] alunos [/as], condicionando o seu comportamento afetivo e cognitivo. Pretende-se que cada um [/a] deles [/as] deixe de ser um [/a] aluno [/a] para ser este [/a] aluno [/a] aceite como tal. Permitirá que o professor tenha uma consciente intervenção no processo educativo, pois que possibilitará atuações adequadas aos problemas, interesses e pressões sociais latentes na aula, mas por vezes não explícitas” [15: 164-165].

Deste modo, e se na maioria das situações escolares se pode revelar que a assiduidade, pontualidade, comportamento, participação, realização dos trabalhos de casa e os resultados escolares mantiveram alguma estabilidade e portanto, sucesso escolar, ou seja, tanto na equipa de Sub-11, como na equipa de Sub-13 existem alunos com prestações escolares excelentes, e outros com prestações médias, mas que mantiveram regularidade, apresentando motivação e envolvimento com e na escola. Contudo, também existiam algumas situações em que a relação com a escola se revelou mais complicada, isto no que respeita aos resultados escolares e à própria motivação face aos conteúdos escolares e à escola.

Posto isto, pensou-se que o mais adequado seria conversar com os jovens, em particular, sobre as suas situações escolares, de modo a sensibilizá-los e a tentar motivá-los

para a importância da escola, assim como para os questionar porque não participavam e não estavam atentos nas aulas e qual o motivo que levava a realizarem com pouca frequência os trabalhos de casa.

O passo seguinte consistiu em reunir com os/as Encarregados/as de Educação para em conjunto se decidir como agir e como se poderia motivar estes jovens para a escola, sendo que ficou acordado que frequentariam com maior assiduidade o Espaço Aberto, de modo a tentar combater-se as lacunas escolares, tal como em casa seria prestado um maior controlo à realização dos trabalhos de casa e às horas dedicadas ao estudo. Contudo, durante a realização das reuniões pôde constatar-se que por questões sociais e culturais os/as Encarregados/as de Educação, apesar de se revelarem preocupados/as com as situações escolares dos filhos, compreendeu-se que não existe na estrutura familiar uma inquietação por motivar os seus filhos para a importância da escola, pois de facto, as questões sociais e culturais influenciam os modos e a importância atribuída às diferentes situações!

Quanto ao acordo estabelecido com os jogadores, este não foi de imediato posto em prática, para que os jovens tivessem a oportunidade de apresentar melhorias escolares e não sentissem que estavam a ser penalizados, sem lhes ser dada a oportunidade de recuperar os resultados obtidos até então. De facto, após a primeira reunião com as Diretoras de Turma e com os/as Encarregados/as de Educação os jovens demonstraram-se mais empenhados nas tarefas escolares, melhorando significativamente o seu comportamento e participação durante as aulas, sendo ainda de valorizar o facto de serem alunos que se encontravam desmotivados na escola e que desenvolveram um esforço, tendo-se dedicado verdadeiramente para conseguirem melhorar.

No entanto, e apesar do esforço dos jovens, não foram visíveis melhorias significativas no período escolar seguinte e apesar das mediadoras sócio-educativas defenderem que deviam ser revistas e repensadas as estratégias para os ajudar a recuperar, nomeadamente, voltar a reunir com os/as Encarregados/as de Educação, sugerindo-lhes que os acompanhassem na realização dos trabalhos de casa, ou mesmo que os colocassem em centros de explicações, para que o acompanhamento escolar pudesse ser personalizado e de acordo com as lacunas escolares de cada situação. Sugeriu-se também que os/as Encarregados/as de Educação controlassem o método de estudo para os testes e o comportamento, uma vez que, muitas das vezes o comportamento desajustado os penalizava nos resultados escolares. Assim como, contactar as diretoras de turma quinzenalmente, com o objetivo de compreender qual a evolução destes alunos, no que respeita, ao comportamento, participação, realização de trabalhos de casa e resultados dos testes. Para além disso, nós, enquanto mediadoras sócio-educativas defendemos “que o acordo estabelecido com os jovens devia contemplar as especificidades de cada um, nomeadamente, ao nível social, económico e cultural, sendo que [no] acordo [atual] estes aspetos não se verificam” (Relatório Intermédio de Mediação do B).

No entanto, estes jovens foram sancionados, não tendo sido convocados para jogos e/ou torneios, pois a equipa técnica considerou que não se deveria deixar de dar o exemplo

aos restantes colegas da equipa e para que os jovens pudessem ser responsabilizados pelos seus atos, postura e dedicação.

Desta forma, interessa refletir sobre o modo como este processo se desenvolveu, pois defende-se que os castigos aplicados constituíram-se como muito penosos, uma vez que, os jovens não apresentavam motivação pela escola, sendo que vislumbravam no futebol as oportunidades que por vezes, a escola não lhes oferece, que é o simples facto de terem “sucesso” no futebol. Portanto, a motivação destes jovens face à escola incidia na ligação existente entre a escola e o mundo do futebol, assim pode afirmar-se “a necessidade de [se] construir situações educativas que, por um lado, tenham em conta o grau de desenvolvimento da criança e as suas especificidades (...) e, por outro, que se assumam, também, como situações educativas gratificantes e necessariamente diversas” [16: 128: 129]. De facto, a escola e a educação têm de compreender que cada criança é um ser único, com capacidades próprias e portanto, o seu “olhar sobre o mundo não é só diferente do olhar do adulto”, é também um olhar pessoal [16: 138].

Deve ainda refletir-se que nem sempre a escola colaborou com este projeto, tal como se tinha idealizado, pois algumas vezes foi pouco recetiva aos contactos estabelecidos, e quando se demonstrou recetiva nem sempre o contacto foi estabelecido com a regularidade desejada para acompanhar as situações, e se “a mediação sócio-cultural [é vista] como uma mais-valia na promoção de projetos, ao visar a participação [da escola] na procura de soluções adequadas a uma mudança na relação educacional” [12: 13], pode desta forma, concluir-se que o facto de a escola dever participar ativamente na procura de soluções é essencial para o sucesso deste projeto, pois a mediação por si só não resolve a questão da inclusão e do bem-estar dos/as alunos/as na escola.

CONCLUSÃO

As ciências da educação em contexto desportivo: a produção de uma profissionalidade

A Escola de Futebol *Dragon Force* ao apostar na educação faz emergir a pertinência dos saberes e prática em Ciências da Educação. A formação inicial (1º ciclo) em Ciências da Educação pela FPCEUP procura formar Licenciados/as em Ciências da Educação, com base num perfil profissional que os/as configure como Mediadores/as Sócio-Educativos/as e da Formação. Os/As Mediadores/as Sócio-Educativos/as e da Formação estão orientados/as para trabalhar em instituições educativas formais e não formais e atividades de natureza cultural, social e económica, onde as dimensões educativa e formativa são determinantes.

Visto que, o trabalho de estágio decorreu no 2º ciclo do curso de Ciências da Educação é importante referir que este mestrado configura aos seus/suas estudantes um perfil de gestor/a, avaliador/a, consultor/a sócio-educativo e da formação. Assim, havia uma preocupação constante de realizar um trabalho de estágio que correspondesse e este perfil. Ora, a entrada no contexto foi marcada por múltiplos sentimentos, ou seja, existia um

sentimento de demonstrar os saberes e competências adquiridas da licenciatura e no mestrado, havia a necessidade de implicação, integração e participação no contexto e, ainda, a necessidade de superação pessoal dos desafios e das oportunidades que seriam lançadas e solicitadas.

No decorrer do estágio a ação incidiu sobre diversos trabalhos, ou seja, foi realizada uma observação e análise do contexto desportivo, um contexto que se caracteriza por ser um contexto de educação não formal, para seguidamente prosseguir à gestão, planeamento, execução e organização de um projeto educativo, o PEEA, participando ainda na organização e implementação de um outro projeto, o PBMDF, que se pautou, essencialmente, por um trabalho de mediação educativa. No decorrer destas ações tivemos em conta a opinião dos outros profissionais implicados no contexto, constituindo assim uma equipa multidisciplinar com saberes muito diversificados. Isto ganha relevância porque se existir uma ligação e mobilização de diferentes profissionais e diferentes olhares permite construir um novo olhar sobre a realidade, emergindo um conhecimento plural e heterogéneo [17]. Assim, a nossa intervenção baseou-se segundo uma lógica autónoma, crítica e reflexiva, tendo por base processos de comunicação e cooperação, indo “de encontro a uma leitura e interpretação da realidade sócio-educativa, numa perspetiva multidimensional, mobilizando o espírito científico, crítico e reflexivo” [18].

Nesta lógica, tendo em consideração os espaços de intervenção e as ações realizadas no contexto de estágio torna-se pertinente fazer referência ao fenómeno da implicação. A implicação tem vindo a tornar-se uma ideia chave no campo das Ciências Sociais assumindo relevância nas práticas sociais e educativas. Este fenómeno está associado ao conceito de mudança, a uma tentativa de otimização da ação e da resolução de problemas, na qual vê o que precede e o que vai seguir-se. Ainda se encontra relacionado com a complementaridade e com a relação entre as noções de implicação dos sujeitos e da alteração. Uma vez que, existe esta implicação dos sujeitos, num trabalho realizado no campo das Ciências Sociais, a ação nunca pode ser considerada neutra porque existe uma relação e um trabalho conjunto entre os/as vários/as intervenientes, sendo que as práticas do conhecimento e da ação são de ordem da “intersubjetividade” e do “interconhecimento” [19]. A criação e a manutenção de pontes entre os indivíduos e a sua comunidade são importantes, pois só assim se irá trabalhar em “direção [a] uma evolução conjunta” [20: 39].

Ao nível da implicação e integração dos sujeitos no processo de mediação sócio-educativa, realizado no projeto de estágio, possibilitou que logo desde o início se trabalhasse na negociação de interesses entre as diferentes ideologias existentes no contexto. Ora, a nossa intervenção no contexto desportivo tornou-se essencial para conciliar interesses e adquirir consensos, através de processos de comunicação e de escuta ativa para com os/as intervenientes, o que permitiu construir um projeto que fosse de encontro às necessidades do contexto e às aspirações dos sujeitos.

Antes de concluir este trabalho é importante fazer uma reflexão sobre a pertinência do contexto para as Ciências da Educação. O facto de o projeto de estágio ter decorrido num contexto desportivo, um contexto em que as Ciências da Educação ainda não têm muita

visibilidade, possibilitou que se desenvolvesse um trabalho em direção à produção da profissionalidade dos/as profissionais desta área.

Com a oportunidade de realizar um projeto educativo de intervenção neste contexto possibilitou que desenvolvessemos competências adquiridas no 1º e no 2º ciclo ao nível da conceção, gestão, organização e execução de projetos, neste caso num contexto de educação não-formal, e ainda, que se desenvolvesse um trabalho de mediação, ou seja, que intervíssemos enquanto Mediadoras Sócio-Educativas e da Formação. A oportunidade de estarem duas pessoas de dois domínios diferentes do mestrado, *Educação e Lazer e Currículo, Escola e Gestão Educacional*, foi uma mais-valia não só a nível pessoal, mas também a nível institucional. O trabalho conjunto possibilitou criar, executar, desenvolver e orientar um projeto educativo muito enriquecedor, pois cada uma teve a oportunidade de pôr em prática saberes adquiridos nas disciplinas da sua área específica. Assim, durante o percurso de elaboração e execução do projeto uma das componentes mais importantes foi a partilha de saberes correspondentes a cada domínio, de perceções, de ideias e de aspirações. Nos casos em que não era compreendido os significados que estavam inerentes às palavras de uma e de outra, recorriamos a outros vocábulos que traduzissem melhor o que era a intenção das palavras, até que essa intenção fosse compreendida. São “crises” que enriquecem e formam um/a profissional, quer a nível pessoal quer a nível profissional, pois geram imperativamente a reflexão sobre as palavras, atribuindo a este percurso o cariz de percurso auto formativo. A nível profissional é fundamental trabalhar para um bom ambiente e, ainda, estabelecer relações positivas com profissionais do contexto onde se trabalha, pois só assim é possível encontrar o nosso lugar e olhá-lo com alguma segurança [18].

REFERÊNCIAS

- [1] RAMOS, Elisabete Gomes (2009) “Mediação sociocultural em contexto escolar”. In Ana Maria Costa e Silva e Maria Alfredo Moreira (Orgs.) *Formação e Mediação Sócio-Educativa – Perspectivas Teóricas e Práticas*. Porto: Areal Editores, 109-114.
- [2] ALMEIDA, José Luís Vieira de; OLIVEIRA, Edilson Moreira de; ARNONI, Maria Eliza Brefere (2007) *Mediação dialéctica na educação escolar: teoria e prática*. São Paulo: Edições Loyola.
- [3] MENDONÇA, Marília (2002) *Ensinar e Aprender por Projectos*. Porto: Edições ASA.
- [4] ANTÚNEZ, S., et. al (1991) *Del projecto educativo a la programación de aula*. Barcelona: Editorial Grau.
- [5] VASCONCELOS, Fernando Nuno (1999) *Projecto Educativo – Teoria e Prática nas Escolas*. Lisboa: Texto Editora, LDA.
- [6] MEDEIROS, Emanuel Oliveira (2006) *Educar, Comunicar e Ser*. Mirandela: João Azevedo Editor.
- [7] CANÁRIO, Rui (1999) *Educação de adultos: Um campo e uma problemática*. Lisboa: Educa – Formação.

- [8] NEVES, Tiago (2010) “Modelos de mediação social”. In José Alberto Correia e Ana Maria Costa e Silva (Orgs.) *Mediação: (D)Os Contextos e (D)Os Actores*. Porto: Edições Afrontamento, 33-43.
- [9] HARDIN, Marie e WHITESIDE, Erin Elizabeth (2009) “The Power of “Small Stories”: Narratives and Notions of Gender Equality in Conversations About Sport”, *Sociology of Sport Journal*, 26, 255-276.
- [10] SILVA, Paula, GOMES, Paula, GRAÇA, Amândio e QUEIRÓS, Paula (2005) “Acerca do debate metodológico na investigação feminista”. *Revista Portuguesa de Ciências do Desporto*, 3, 358-370.
http://www.scielo.oces.mctes.pt/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1645-05232005000300012&lng=pt&nrm=iso.
- [11] CORREIA, José Alberto e CAMELO, João (2010) “A construção social e legislativa da mediação: figuras e políticas”. In José Alberto Correia e Ana Maria Costa e Silva (Orgs.) *Mediação: (D)Os Contextos e (D)Os Actores*. Porto: Edições Afrontamento, 13-32.
- [12] OLIVEIRA, Ana, GALEGO, Carla e colaboração de GOUDINHO, Laura (2005) *A Mediação Sócio-Cultural: Um Puzzle em Construção*. Lisboa: Acime.
- [13] DIOGO, José M. L. (1998) *Parceria Escola-Família: A Caminho de Uma Educação Participada*. Porto: Porto Editora.
- [14] APPLE, Michael W. (1997) *Os Professores e o Currículo: Abordagens Sociológicas*. Lisboa: EDUCA.
- [15] CORTESÃO, Luiza (1988) *Escola, Sociedade Que Relação?* Porto: Edições Afrontamento.
- [16] TRINDADE, Rui (2003a) *Escola e Influência Educativa: O estatuto dos discursos didácticos inovadores no 1º CEB em Portugal*. Porto: Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação da Universidade do Porto, dissertação de doutoramento.
- [17] ARDOINO, Jacques (1992) *L’Implication*. Lyon: Voies Livres.
- [18] PINTO, Joana (2008) *Relatório de Estágio: As Ciências da Educação num Contexto Desportivo – Intervenção com Jovens Jogadores dos Escalões de Competição do futebol de Formação*. Porto: Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação da Universidade do Porto.
- [19] ARDOINO, Jacques (1997) *Complexité des Sciences de l’Éducation: Une intervention a propos*.
- [20] TORREMORELL, Maria Carme Boqué (2008) *Cultura de Mediação e Mudança Social*. Porto: Porto Editora.